PRÓLOGO

O Deus Lar — Sou o Deus protetor da família que mora na casa de onde me viram sair. Moro nesta casa há muitos anos e tenho-a protegido desde o tempo do avô de Euclião, que hoje a possui. Esse avô deixou um tesouro, uma panela, cheia de ouro, escondida na lareira, e eu fiz com que Euclião a encontrasse, por causa da filha, de quem muito gosto. Essa moça foi seduzida por Licônidas, um rapaz de boa família. Hoje farei com que Megadoro, o velho tio desse rapaz, peça a moça em casamento, a fim de apressar o sobrinho. (Sai.)



Primeiro Ato

Voz de Euclião — Pra fora! Pra fora, espiã!

Euclião — (Na porta, estendendo o braço.) Pra fora! Pra fora, já disse! (Estáfila aparece à porta.) Espiã de olho arregalado! (Euclião dá um pontapé em Estáfila, enquanto ela desce a escada.)

ESTÁFILA — (Logo depois do pontapé.) Ai, coitada de mim! Por que me bateu?

Euclião — (Descendo.) Para que você seja mesmo uma coitada de mim! Para que você, que é ruim, tenha uma vida ruim como você!

Estáfila — Mas por que me botar pra fora de casa?

Euclião — Não tenho contas para lhe dar. Saco de pancadas! Saia de perto de casa! Vá pra lá! (Estáfila caminha vagarosamente.) Vejam como ela anda! Se eu pego um pau ou um chicote...

Estáfila — A forca é melhor que um patrão desses!

Euclião — Está resmungando? (Estáfila ergue as mãos pro céu e para.) Inda hei de lhe arrancar os olhos para que essa ladrona não viva me espiando. Vá pra lá! Mais pra lá! Mais pra lá ainda! Chega! Se sair daí, nem que seja tanto assim, mando crucificá-la. (À parte.) Velha danada! Se ela cheirar o ouro e descobrir a panela...Tem olhos até por trás! E meu ouro? Estará onde o escondi? Quanta inquietação e miséria me consomem! (Entra em casa.)

ESTÁFILA — (Só, de costas para a casa.) Está doido. É a décima vez que me bota para fora de casa hoje! Deve ser febre! Passa a noite acordado, vigiando, e o dia em casa, sentado como um sapateiro perneta. Não sei

como se poderá mais esconder a ele o que aconteceu com a filha, porque a hora do nascimento está próxima.

Euclião — (Da porta.) Agora estou descansado. O ouro está salvo. (Severo, a Estáfila.) Volte pra casa e fique de vigia!

ESTÁFILA — (Voltando-se.) Pra vigiar o quê? É pra ninguém levar as paredes? É a única coisa que os ladrões podem levar daí, porque o resto é só coisa nenhuma e teia de aranha.

Euclião — Pois vigie as teias de aranha! Velha feiticeira, queria bem que Júpiter fizesse de mim um rei Felipe ou um Dario só para lhe causar prazer? (Com voz meio chorosa.) Pois bem, sou pobre e estou resignado. Aceito o que os deuses me dão. (Severo.) Vá pra dentro e feche a porta. Eu volto já. Não deixe entrar ninguém. Tome cuidado. Apague o fogo para que ninguém venha pedir brasas. Se o fogo ficar aceso eu apagarei você. Se alguém pedir água, diga que se derramou. Os vizinhos gostam sempre de pedir um facão, um machado, um pilão, um almofariz. Diga que os ladrões roubaram tudo. E não deixe ninguém entrar. Quero avisá-la: mesmo que a Deusa da Fortuna chegue aqui, você não a deixe entrar.

Estáfila - S'o ela mesmo entraria aqui! Nunca chegar'a nem perto desta casa.

Euclião — Cale-se e entre.

Estáfila — Calo-me e entro. (Entra em casa.)

Euclião — (Gritando para dentro.) Feche as portas com os dois ferrolhos. Eu volto logo. (À parte.) Tenho que sair de qualquer modo. É preciso. Eu sei o que faço. Anunciaram uma distribuição de auxílios e se eu não for todos vão desconfiar que eu tenho ouro em casa. Sim, porque não seria natural que um homem pobre desprezasse o dinheiro que lhe dão. Agora, então, parece que todos já estão desconfiados. Todos me saúdam com tanta amabilidade. Aproximam-se, param, apertam-me a mão, perguntam como

vou de saúde, como vão os negócios... É o ouro. Mas deixem-me ir onde tenho de ir. (Sai correndo.)

Entram Eunômia e Megadoro.

Eunômia — O que eu quero, meu irmão, é que você saiba que eu digo isto porque zelo por seu interesse, como, aliás, é justo que faça, desde que sou sua irmã. Sei que vivem dizendo que as mulheres são aborrecidas e faladoras, o que, diga-se a verdade, não é de todo injusto. Dizem até que nunca existiu uma mulher que fosse muda. De qualquer modo, você é meu parente mais próximo e sua parenta mais próxima sou eu. Assim, é justo que nos ajudemos um ao outro, que eu o aconselhe e guie, e o mesmo faça você comigo. É preciso que não deixemos nada escondido, que não fiquemos calados por medo, quando nossa obrigação é falar. É preciso que eu faça você participar das minhas coisas e que você me faça participar das suas. Pois bem, trouxe você para cá, assim às escondidas...

Пъсвароло — Mulher admirável!... Dê-me a sua mão.

Euwômia — Onde está ela?

Педадоло — (Perplexo.) Hein?

Eunômia — Essa mulher, que é admirável...

Megadoro — É você!

Eunômia — Eu?

Пъсвадоло — Bem, se você acha que não, eu também acho.

Eunômia — O que é certo é dizer a verdade! E, na verdade, não existe uma só mulher que se possa chamar de admirável. Cada uma é pior do que as outras!

Тебароло — Assim penso eu e não é nisso que hei de contrariá-la, minha irmã.

Eunômia — Então faça o favor de me escutar.

Педадоло — Como queira. Fique à vontade e mande o que quiser.

Eunômia — Eu vim para lhe dar um conselho.

 $\begin{tabular}{l} \begin{tabular}{l} \begin{tab$

Eunômia — E eu quero que assim continue.

Пъсвароко — Afinal, de que se trata?

Eunômia — De que você possa procriar, para sua felicidade.

Megadoro — Que os deuses a ouçam!

Eunômia — Quero que você se case.

Megadoro — Ai de mim, estou perdido!

Eunômia — Faça aquilo que sua irmã lhe pede.

Тебарого — Se me agradar, faço.

Eunômia — É a melhor coisa para você.

Пъєдадодо — Prefiro a forca. Mas aceito com uma condição: hoje casado, amanhã viúvo. Assim, prepare o casório, e pode me apresentar a mulher que você quiser.

Eunômia — Ela lhe daria um dote riquíssimo, meu irmão. É uma mulher já madura, de meia-idade...

Педадоло — (Estremecendo.) Hein?

Eunômia — Se me autoriza, eu a pedirei para você.

Песадоло — Posso levantar uma questão?

Eunômia — O que quiser...

Megadoro — Quando um homem... depois de certa idade... casa com uma mulher... de meia-idade... e o velho... por acaso faz um filho na velha, o menino só pode ter um nome. Sabe qual é?

Eunômia — Eu não.

Тебалодо — Filho de defunto. Póstumo. Mas quero lhe evitar este trabalho. Graças aos deuses e aos meus antepassados, já sou bastante rico. Não gosto de suas mulheres de alta linhagem, com dotes enormes, com seu orgulho, carros de marfim, vestidos de púrpura. São umas desgraças e reduzem o marido à servidão.

Eunômia — Diga-me então: qual a mulher com quem você quer casar?

Пъсдадоло — Pois não. Conhece o velho Euclião, este pobre velho, que é nosso vizinho?

Eunômia — Conheço. É um homem bem simpático.

Пъсбароко — Quero casar com a filha dele. Não adianta falar. Sei que ela é pobre e essa pobreza me agrada.

Eunômia — Que os deuses o ajudem.

Тебадоло — É exatamente o que espero.

Eunômia — Não quer mais nada de mim?

Пъсвароло — Quero que você passe bem!

Eunômia — (Entufada.) E você também. (Sai.)

Пъсдадоло — Vou procurar Euclião. Talvez esteja em casa. (*Euclião aparece*.) Ei-lo que volta, não sei de onde.

Euclião — (À parte.) Aconteceu o que eu previa: nada de auxílio. Não apareceu ninguém. O melhor é entrar porque enquanto estou aqui, minha alma está em casa!

Пъсвадоло — Os céus o guardem sempre em alegria, Euclião!

Euclião — Que os deuses o salvem, Megadoro!

Песадоло — E então? Sempre bem de saúde?

Euclião — (À parte.) Deve haver algum motivo para um rico falar a um pobre com tanta delicadeza. Com certeza já sabe que eu tenho o ouro. É por isso que me saúda com tanta brandura.

Megadoro — Então, de saúde mesmo?

Euclião — Com exceção do dinheiro, vai tudo bem.

Megadoro — Ora, tendo sossego de espírito você tem tudo o que precisa para ser feliz.

Euclião — (À parte.) A velha já falou no dinheiro. Hei de lhe cortar a língua e furar-lhe os olhos.

Пъсвароло — Que é que você está resmungando aí?

Euclião — Estou lamentando a minha miséria. Minha filha já está uma moça e, sem dote, é difícil casá-la. Quem quereria casar com ela assim?

Педадоло — Coragem, Euclião, arranja-se o que você quiser. Quero ajudá-lo. Diga o que precisa, é só mandar.

EUCLIÃO — (À parte.) Isso parece promessa, mas é pedido. Está louco para devorar o meu dinheiro. Com uma mão ele mostra o pão e com a outra segura uma pedra. É uma armadilha para me pegar.

Megadoro — Escute, Euclião, quero lhe dizer duas palavrinhas sobre um assunto do nosso interesse.

Euclião — (À parte.) Pobre Euclião, com certeza já roubaram teu ouro! Está te chamando para fazer um acordo! Vou ver o ouro!

Megadoro — Onde vai?

Euclião — Eu volto já. Tenho o que fazer em casa. (Entra em casa.)

Мєдадоло — Quando eu lhe pedir a filha, pensará que estou brincando. Não há mortal mais pobre e que viva com mais pobreza do que ele.

Euclião — (Voltando.) Os deuses me protegem, a panela está salva. Não falta nada. De medo estava mais morto do que vivo. (A MEGADORO.) Eis-me de volta, Megadoro. Que quer de mim?

Megadoro — Você vai me fazer o favor de responder aquilo que eu lhe perguntar.

Euclião — Contanto que você não me pergunte nada que eu não queira responder.

Месалоло — Que tal lhe parece minha família?

EUCLIÃO — Boa.

Медароло — E meu caráter?

EUCLIÃO — Bom.

Мєдароло — Е meus atos?

 ${\tt Euclião-Nem\ maus, nem\ desonestos.}$

Медароло — Sabe a minha idade?

Euclião — Sei que é tão grande quanto a sua fortuna.

Пъсдадоло — Pois eu também acho você um cidadão sem defeitos.

Euclião — (À parte.) Já sentiu o cheiro do ouro! (A MEGADORO.) Mas o que é que você quer?

Пьедадоло — (Segurando-lhe os ombros.) Quero sua filha em casamento.

Euclião — *(Choroso.)* Ah, Megadoro, levar ao ridículo um homem que nunca lhe fez mal...

Педадоло — Não estou levando você ao ridículo.

Euclião — Então por que me pede minha filha?

Тебародо — Para fazer a felicidade sua e de sua família e para você fazer a minha.

Euclião — O que eu penso, Megadoro, é que você é rico e poderoso e eu não sou ninguém. Se casasse minha filha com você, passaríamos a viver encangados, você como boi e eu como burro. Sem poder suportar a mesma carga, sei que iria cair como um burro no meio da lama. Você, como boi, me trataria com desprezo, e meus iguais mangariam de mim. Se surgisse qualquer briga entre nós, eu não teria uma boa estrebaria para onde fugir. Os burros vão me despedaçar a dentadas e os bois hão de me atacar com os chifres! É muito perigoso para mim passar da classe dos burros para a dos bois!

Педадоло — (Persuasivo.) Você só tem a ganhar, aliando-se a gente honesta. Aceite a minha proposta e dê-me a moça. Euclião — (Descobrindo enfim o jogo.) Mas eu não tenho nenhum dote para dar a ela!

Пъсвароло — Pois não dê. Se ela tiver juízo, é dote bastante.

Euclião — Digo-lhe isto para que não vá pensar que achei alguma botija.

Педадоло — Já sei, não precisa me dizer. Então deixa?

Euclião — Deixo. (Soam pancadas de picaretas.) Pelos deuses, estou perdido!

Megadoro — Que tem você?

Euclião — Essas pancadas... Parecia uma picareta! (Sai correndo.)

Мєдародо — Espere, fui eu que mandei cavar o jardim! Pra onde foi esse homem? Fugiu sem me dizer nada. Só porque procuro sua amizade, já está me tratando mal!

Euclião — (Reaparecendo.) Inda mando cortar a língua daquela velha safada!

Пъсвадоло — Você pensa que pode zombar de mim, nesta idade?

Euclião — Pelos deuses, Megadoro, não faço nada disso. Mesmo que quisesse, não ficaria bem.

Пъсдадоло — Quer dizer que me dá sua filha?

Euclião — Sem dote e nas condições de que lhe falei?

Месароко — Sim, sim. Dá?

Euclião — Dou.

Megadoro — Que os deuses nos sejam propícios!

Euclião — Assim queiram os deuses! Mas não se esqueça do que ficou combinado: minha filha não receberá dote nenhum!

Педадоло — Não me esquecerei.

Euclião — É que eu conheço as conversas de vocês: o que se combinou não se combinou, e combinou-se o que não se combinou.

Педадоло — Entre nós não haverá discussão nenhuma. Que motivo existe para o casamento não ser hoje?

Euclião — Nenhum.

Пъсдадоло — Então vou preparar tudo. Você não tem nada a me dizer?

Euclião — Não. Adeus.

Педадоло — (À direita.) Estróbilo! Congrião! Venham comigo ao mercado, depressa!

Euclião — (À parte.) Deuses imortais! A força que o dinheiro tem! Com certeza já ouviu dizer que eu tenho um tesouro. Por isso veio com essa proposta. Estáfila! (Entra Estáfila.) Onde andou essa conversadora que foi dizer a todo mundo que eu ia dar um dote a minha filha? É com você mesma que eu estou falando, ouviu? Vá depressa lavar os vasos sagrados. Minha filha está noiva e eu vou casá-la hoje com Megadoro.

Estáfila — Que os deuses os bendigam! Mas não pode ser!

EUCLIÃO — Hein?

Estáfila — (Disfarçando.) E tão de repente?

Euclião — Cale-se e vá embora. E tudo preparado para quando eu voltar. Feche a porta, eu volto já! (Sai.)

Estáfila — A desonra vai se tornar pública, pois o nascimento está perto. Não posso mais esconder nada.

FIM DO PRIMEIRO ATO.



Segundo Ato

<u>N</u>o mesmo cenário.

ESTRÓBILO — (Entra com Congrião e Antraz, o primeiro com um carneiro e o segundo com um frango.) Meu senhor comprou essas provisões e encarregou-me de partir tudo pelo meio.

Congrião — A mim é que você não há de abrir pelo meio. Se quiser que eu vá inteiro, diga.

Antraz — Tão bonitinho, tão delicado esse rapazinho de cara suspeita! Então, se alguém quisesse, você não se deixaria abrir pelo meio?

Congrião — O que eu disse foi outra coisa muito diferente, Antraz.

Estróbilo — Meu senhor casa-se hoje.

Congrião — Com a filha de quem?

ESTRÓBILO — Com a de Euclião, nosso vizinho. E mandou dar ao sogro metade dos mantimentos, um cozinheiro e um flautista.

Congrião — Então é metade para ele (Mostra a casa.) e metade lá para casa?

Estróbilo — É exatamente como você diz.

Congrião — E esse velho não podia pagar a comida do casamento?

Estróbilo — Ora!

Congrião — Então, por que não paga?

Estróblo — Por que não paga? É mais fácil o mar secar do que aquele velho pagar alguma coisa.

Congrião — (Fechando o punho.) É mesmo amarrado?

ESTRÓBLO — Julgue você mesmo. Quando ele vê a fumaça sair pelo teto, grita por socorro, dizendo que está arruinado. Quando vai dormir, fecha sempre a boca do fole.

Congrião — Por quê?

Estróblo — Para não perder um só bocadinho de vento.

Congrião — E quando ele vai dormir tapa também a boca de baixo, para não perder nem um bocadinho de vento?

Estróbilo — 0 que você deve é acreditar em mim, como eu em você.

Congrião — Ah, eu acredito!

Estróbilo — Quando ele toma banho, chora pela água que se derramou. Outro dia o barbeiro cortou-lhe as unhas: ele juntou e guardou todos os pedacinhos.

Congrião — Pelos deuses! Creio que se eu lhe pedisse nem que fosse a fome, não arranjaria nada.

ESTRÓBLO — Uma vez um pássaro roubou-lhe a comida. Pois o homem saiu em pranto e queria acionar o pássaro em juízo. E não conto mais porque não tenho tempo. Qual de vocês é o mais esperto?

Congrião — O melhor sou eu!

Estróblo — Quero um cozinheiro e não um ladrão!

Congrião — Pois é de um cozinheiro que estou falando.

ESTRÓBLO — Vá lá para dentro. Se desaparecer alguma coisa lá em casa dirão que foram os cozinheiros. Aí tem essa vantagem, não existe nada para roubar. Estáfila!

Estáfila — Quem me chama?

Estróblo — Megadoro manda isso de presente a Euclião.

Estáfila — Não adianta, não há lenha para cozinhar!

Congrião — A casa não tem vigas?

Estáfila — É claro que tem.

Congrião — Então há lenha.

Estáfila — É para tocar fogo na casa, então? Sigam-me. (Sai.)

EUCLIÃO entra com uma coroa de flores pequenas e um embrulhinho.

EUCLIÃO — Faço um esforço para o casamento ser decente e vou ao mercado. O peixe, caro. O carneiro, caro. A vaca, muito cara, e a vitela, o porco, tudo caro. E achei tudo ainda mais caro porque na verdade não tinha dinheiro nenhum. Fiquei com tanta raiva que fui-me embora sem nada comprar.

Depois pensei: quem gasta muito em dia de festa fica sem nada para o outro. Assim a prudência falou ao coração e à barriga, e eu arranjei este incenso e esta coroa de flores. É até demais. Mas que barulho é este? Será que estão me roubando? (Esconde-se.)

Aparece Congrião com uma panela, acompanhado por Antraz.

Congrião — Vá pedir ao vizinho uma panela maior.

Euclião — Ai!

Congrião — Nesta não cabe o que é preciso. (Entra em casa. Antraz vai saindo.)

Euclião — (Escondido.) Ai de mim!

 $A_{ t NTRAZ}$ volta-se rapidamente e, não vendo ninguém, sai.

Euclião — (Aparece, com as mãos na cabeça.) Estão me roubando. Estão procurando a panela. Ai, estou morrendo! Ó deuses, persigam com suas flechas os ladrões do meu tesouro! (Corre, entrando na casa.)

Começa uma grande gritaria. Dentro aparece Congrião correndo.

Congrião — Queridos patrícios, meu povo, habitantes da cidade e dos arredores, compatriotas e forasteiros! Abram caminho para eu fugir. Deixem abertas todas as praças, porque estou cheio de dores. O velho fez de mim um saco de pancadas!

Euclião — (À parte, porrete na mão.) Vai fugindo? Volte já! Pega, pega o ladrão!

Congrião — Por que essa gritaria?

Euclião — Quero denunciá-lo às autoridades.

Congrião — Por quê?

Euclião — Porque você está com uma faca.

Congrião — Isso é natural num cozinheiro.

Euclião — Mas você me ameaçou.

Congrião — Eu devia era ter atravessado as suas tripas.

Euclião — Você é o pior dos homens que existem. Se eu pudesse, fazia-lhe o maior dos males.

Congrião — Isso está se vendo. Por que me bateu?

Euclião — Ainda pergunta? Quer mais?

Congrião — Não, basta!

Euclião — Que fazia você em minha casa sem minha ordem?

Congrião — Viemos cozinhar para o casamento.

Euclião — E é de sua conta que se coma cru ou cozido em minha casa? Você é meu pai?

Congrião — O que eu quero saber é se é para cozinhar ou não.

Euclião — E eu o que quero saber é se minha casa se salvará.

Congrião — E eu o que quero é me salvar com minhas panelas.

Euclião — (Estremecendo.) As panelas! Se você tivesse ficado junto delas, não teria saído de cabeça rachada. Foi bem feito! Vai fugindo? Volto já! (Sai.)

Congrião — Essa foi boa! Vim esperando ganhar dinheiro e vou ter que pagar muito mais ao médico.

 $\underline{\mathcal{E}_{\mathtt{UCLiÃO}}}$ volta com a panela escondida sob o manto.

Euclião — Panela, você há de estar comigo em toda parte. Não permito mais que passe esses perigos.

Congrião — Hein?

Euclião — Vá. Pode ir pra dentro. Tudo para lá! Cozinheiros e flautistas, todo esse rebanho de mercenários. Entrem, cozinhem, façam o que quiserem.

Congrião — Agora, depois de ter me enchido a cabeça de pauladas!

Euclião — Vá pra dentro! Pagam-lhe para trabalhar e não para fazer discursos!

Congrião — Sim, mas trabalhar não é levar pancada! Você tem que me pagar!

Euclião — Vá se queixar em juízo. E não me aborreça. Ou então vá para a casa do diabo. (Sai Congrião.)

Euclião — Bem, esse foi-se. Um pobre não deve nunca se meter com um rico. Megadoro está fazendo tudo para me arruinar. Fingiu que me enviava cozinheiros e me encheu a casa de ladrões para assaltar minha miséria. Até meu galo juntou-se com a velha para me perder. Começou a ciscar mesmo no lugar onde o ouro estava enterrado! O pior é que, na raiva, matei o galo! Mas para que falar? Acabou-se o galo, acabou-se a questão! (MEGADORO entra.)

Тебародо — Bom dia, Euclião. Você podia ter se vestido melhor para o casamento de sua filha.

Euclião — A aparência depende da fortuna e a glória depende do que se tem. Os ricos é que têm essas obrigações. Os pobres, como eu, não.

Пъсдадоло — Os deuses hão de aumentar os bens que você tem.

Euclião — (À parte.) Os bens que eu tenho! A velha me traiu.

Педадоло — Por que fica aí falando só?

Euclião — Estava pensando em lhe fazer uma censura merecida.

Megadoro — Qual?

Euclião — Você ainda pergunta? Depois de ter enchido minha casa de ladrões? Depois de ter metido lá um exército de cozinheiros, cada um com três pares de mãos. E todos comilões!

Megadoro — Mas mandei tanta coisa! Até um carneiro.

Euclião — Carneiro! Nunca vi um como aquele.

Медароло — Que tem ele de mais?

EUCLIÃO — Está tão magro que podem-se ver suas tripas olhando-o contra o sol.

Пъсвароло — Bem, eu o comprei para matar.

Euclião — Pois pode cuidar logo do enterro, porque a essa hora já deve ter morrido, mas de fome.

Педадоло — Bem, Euclião, hoje quero beber com você.

Euclião — Acontece que eu não quero beber com você.

Пъсвадоло — Resolvi trazer para cá um tonel de vinho.

Euclião — E eu resolvi só beber água.

Пъсдародо — Você vai ver como há de se embebedar. Eu vou me preparar para os rituais (Sai.)

Euclião — Viu? Vem com essas conversas para me embebedar e depois mudar de casa aquilo que é meu. Ai, panela! Quantos inimigos você tem! Hei de levá-la para o templo da Fidelidade e lá escondê-la bem. Ó Fidelidade, eu a conheço e você me conhece. Guarde aquilo que vou lhe confiar, porque me dirijo a você confiando na sua boa fé. (Sai, pela esquerda, em direção ao templo.)

 \mathfrak{E} ntra \mathfrak{E} stróbilo, pela direita.

ESTRÓBILO — A obrigação do servo é cumprir as ordens dos seus senhores.

Ora, Licônidas, meu amo, sobrinho de Megadoro, gosta da filha de Euclião.

Disseram-lhe agora que ela vai casar com Megadoro, e ele mandou-me aqui para ver o que havia. Vou me esconder para ver o que acontece.

(Esconde-se ao fundo.)

Euclião — (Entrando, pela esquerda.) Ó Fidelidade, tome cuidado, não diga a ninguém onde está meu dinheiro. Faça com que eu torne a levar a panela para casa sã e salva. Confiei o ouro à sua guarda. Guarde-o, portanto, no templo do seu bosque sagrado. (Entra em casa. Estróbilo reaparece.)

ESTRÓBLO — Deuses imortais! Uma panela cheia de ouro, enterrada no templo! Ó Fidelidade, não seja mais fiel a ele do que a mim! É o pai da moça de quem meu amo gosta. Se eu encontrar o ouro, hei de lhe oferecer um pote cheio de vinho. Pode ficar certa, porque quero beber também a minha parte. (Sai.)

Euclião — (Voltando.) Ouvi um corvo grasnar... Meu coração está batendo no peito! Não devo demorar. (Sai correndo e volta com Estróbilo agarrado pelo pescoço.) Pra fora! Minhoca, fuçadora da terra! Você não existia; apareceu agora, mas foi para morrer!

ESTRÓBLO — (Libertando-se, mão na garganta.) Que é isso? Que diabo o atormenta? Que tenho a ver com você? Por que me insulta, por que me puxa, por que me bate?

Euclião — Ainda pergunta? Safado, ladrão, três vezes ladrão!

Estróbilo — Mas o que foi que eu roubei?

Euclião — Devolva já!

Estróbilo — Devolver o quê?

Euclião — Você não sabe?

Estróbilo — Eu não tirei nada!

Euclião — Dê cá o que você tirou. Dá ou não?

Estróbilo — Mas dou o quê, velho?

Euclião — Você não pode tirar!

Estróbilo — Afinal, o que é que você quer?

Euclião — Bote já aí!

Estróblo — Esse velho quer brincar comigo!

Euclião — Deixe de graças, e entregue já.

Estróblo — Mas entregar o quê? Não tirei nada, não toquei em nada!

Euclião — Mostre as mãos.

ESTRÓBILO — Tome.

EUCLIÃO — Mostre a outra!

Estróbilo — Aí estão.

Euclião — Mostre a terceira.

Estróbilo — O velho está louco!

Euclião — Estou mesmo, porque o que eu devia era mandar enforcá-lo. E é o que hei de fazer se você não confessar!

Estróbilo — Confessar o quê?

Euclião — Que foi que você tirou daqui?

ESTRÓBLO — Os deuses me castiguem se eu tirei alguma coisa. (À parte.)
Agora, que eu quis tirar...

Euclião — Sacuda o manto.

Estróbilo — À vontade.

Euclião — É capaz de estar debaixo da túnica.

Estróbilo — Pode procurar.

Euclião — Ah, sabido! Quer que eu acredite que não tirou nada. Mas eu conheço suas manhas. Mostre outra vez a mão direita.

Estróbilo — Veja.

Euclião — Agora a esquerda.

Estróbilo — Veja logo as duas.

Euclião — Basta. Agora me dê aquilo.

ESTRÓBILO — Aquilo o quê?

Euclião — Ra, ra! Você gosta de brincar, mas tenho certeza de que você tem.

Estróbilo — Eu tenho? Tenho o quê?

Euclião — Ah, isso é que não digo. Queria saber, hein? Largue já o que é meu!

Estróblo — Você está doido? Não já viu que não tenho nada?

EUCLIÃO — Fique quieto. Espere. Quem era aquele que estava com você, lá dentro? Desgraçado de mim, se não o pego, lá se vai! Este não tem nada, já foi revistado. Vá para onde quiser. Que os deuses deem cabo de você.

Езтровьо — É muita amabilidade!

Euclião — Hei de estrangular seu companheiro! Fora daqui! Vai ou não?

ESTRÓBILO — Vou.

Euclião — Não quero mais vê-lo. (Sai.)

Estróbilo — Esse velho me paga! (Esconde-se. Euclião reaparece.)

Euclião — Pensei que podia confiar na Fidelidade, mas ela me traiu. Felizmente o corvo me salvou. Queria encontrá-lo de novo para desejarlhe todos os bens. Desejar somente, porque, quanto a lhe dar comida, dar é mesmo que perder. (Olha para os lados e tira a panela de sob o manto, escondendo-a rapidamente.) Agora é escondê-la noutro lugar, num lugar bem deserto. Já sei: o bosque de Silvano, onde não passa ninguém e é coberto de salgueiros! É lá que esconderei meu ouro. (Sai. ESTRÓBILO aparece.)

- ESTRÓBILO Ótimo, maravilhoso! Os deuses me protegem! Corro adiante, subo numa árvore e olho onde o velho esconde o ouro. A sorte está lançada! Desta vez farei fortuna, nem que seja à custa de minhas costelas. (Sai. Entra Licônidas, com Eunômia.)
- LICÔNIDAS Agora disse tudo, minha mãe: você sabe o que houve entre mim e a filha de Euclião. Agora peço-lhe que vá se entender com meu tio, Megadoro, para acabar o casamento dele e fazer o meu.
- Euxômia Você sabe que minha vontade é a sua. Espero que meu irmão não me recuse. Aliás, o pedido é justo, se é verdade que você desonrou a moça porque estava embriagado.
- Licônidas E eu ia lhe mentir, minha mãe? Mas os fatos tratarão de a convencer melhor. O nascimento é para logo.
- Eunômia Vamos então à casa de seu tio. É preciso que eu arranje com ele o que você pede.
- Licônidas Vá. Eu irei já. (Eunômia sai.) Onde está Estróbilo? Ele devia estar aqui. É estranho! Mas deixemo-lo. Vamos para lá, onde estão decidindo minha sorte. (Sai. Entra Estróbilo.)
- Estróbilo Sou o mais rico de todos os homens. Não quero mais nem ouvir falar dos reis: são um pobre rebanho de mendigos! Ó dia feliz!
- Euclião (Fora, gritando.) Ai, ai, ai!
- ESTRÓBILO Ah, ah, é o velho! Vamos colocar o ouro em segurança! (Corre. Entra Euclião.)
- Euclião Estou perdido! Estou morto. Fui assassinado! Para onde correr? Para onde não correr? Pega, pega! Mas pegar a quem? Não vejo nada,

estou cego. Não sei mais para onde vou, não sei mais onde estou, não sei mais quem sou. Peço a todos que me socorram, que fiquem do meu lado, que me mostrem aquele que me roubou. Ficam aí, com suas roupas brancas, sentados como se fossem honestos! Que há? Por que estão rindo? Bem os conheço a todos. Há de haver por aqui muito ladrão. Digam quem é que tem minha panela. Ninguém sabe! (Cobre o rosto com as mãos e recua sempre de frente para o público.) Desgraçado de mim, estou perdido! Em que estado fiquei! Que dia funesto, dia deplorável que me trouxe a fome e a pobreza! Que fazer agora da vida, tendo perdido o ouro que guardava com tanto cuidado? Roubei-me a mim próprio, furtei a minha alma! Agora outros gozam com ela pra meu desgosto e prejuízo! Não, é demais para mim! (Entra Licônidas.)

Licônidas — Quem é esse que está aqui gemendo e chorando? É Euclião! Falo-lhe? Ou fujo? Não sei!

Euclião — Quem me fala?

Licônidas — Um desgraçado!

Euclião — Pois está falando com outro! Eu me tornei desgraçado por causa de um acidente funesto!

Licônidas — Console-se!

Euclião — Consolar-me, como?

LICÔNIDAS — A culpa foi minha. Fui eu quem causou sua desgraça e vim confessar tudo.

Euclião — Que é que você está dizendo?

Licônidas — A verdade!

Euclião — Mas que mal tinha eu lhe feito para você me tratar assim?

Licônidas — Foi um deus que me perdeu, atraindo-me para ela.

EUCLIÃO — Como?

Licônidas — Errei, sei que mereço castigo. Mas peço-lhe que tenha a bondade de me perdoar.

Euclião — Mas como você teve coragem de tocar naquilo que não lhe pertencia?

Licônidas — Que posso fazer? Aconteceu. Deve ter sido a vontade dos deuses.

Euclião — A vontade dos deuses é que eu mandasse enforcá-lo! Por que, sem minha permissão, foi tocar naquilo que era meu?

Licônidas — A culpa foi do vinho e do amor.

Euclião — Essa é boa! Então podia-se roubar à vontade o... ouro das mulheres. Depois, pedia-se desculpa, dizendo que a culpa foi do vinho e do amor!

Licônidas — Mas eu não vim pedir perdão?

Euclião — Não gosto das pessoas que prejudicam os outros e depois vêm pedir desculpa! Você sabia que ela não era sua, não devia ter tocado nela.

Licônidas — Mas já que tive a audácia de tocar, não vejo por que não possa ficar com ela.

Euclião — Você? Ficar com ela? Contra minha vontade?

Licônidas — Mas eu não estou lhe pedindo? Você não deve recusar, porque ela deve ser minha.

Euclião — Não, você tem que devolver.

Licônidas — Devolver? Devolver o quê?

Euclião — Aquilo que me pertencia e que você tirou!

Licônidas — Que eu tirei? De onde? Afinal que é que você quer?

Euclião — Então você não sabe?

LICÔNIDAS — Você não diz!

Euclião — O que eu quero é minha panela de ouro que você confessou ter roubado!

Licônidas — Eu nunca disse isso! Nunca fiz uma coisa dessas!

Euclião — Ah! Então nega!

Licônidas — Mais do que isso: nunca ouvi falar desse ouro, nem de panela nenhuma!

Euclião — Dê cá a panela que você tirou do bosque de Silvano! Vá, passe-a para cá. Estou pronto a dar-lhe a metade. Você a roubou, mas eu não o perseguirei. Mas me dê a panela!

Licônidas — Você está louco, chamando-me ladrão! Tratava-se de outra coisa.

Euclião — Você jura que não roubou a panela?

Licônidas — Juro.

Euclião — Nem sabe quem a roubou?

LICÔNIDAS — Não, juro.

Euclião — E se souber você me diz?

Licônidas — Claro que digo.

Euclião — E não esconderá o ladrão para repartir o dinheiro com ele?

Licônidas — Prometo que não.

Euclião — E se você faltar a esta promessa?

 ${\tt Licôjvidas-Que\ os\ deuses\ me\ castiguem.}$

Euclião — Está bem. Diga agora o que você quer.

Licôjuidas — Meu nome é Licônidas. Sou filho de Eunômia, e Megadoro é meu tio.

Euclião — Conheço sua família. E então?

Licônidas — (Hesitante.) Você tem uma filha...

Euclião — Tenho, está em casa.

Licônidas — Vai casá-la com meu tio.

Euclião — Você está até bem ensinado!

Licônidas — Pois ele me encarregou de vir lhe dizer que desiste do casamento.

Euclião — Desiste? Que os deuses deem cabo dele! Foi a causa da perda do meu tesouro! Que desgraça! Que miséria!

LICÔNIDAS — Console-se e ouça. Quando um homem confessa sua culpa é porque quer repará-la. Eu confesso que seduzi sua filha... por causa do vinho e por um impulso da mocidade. E quero casar com ela.

Euclião — Ainda mais essa! Por cima da queda, coice!

Licôtidas — Não há motivo para isso. Você tem a sorte de ser avô no mesmo dia do casamento da filha!

Euclião — Estou perdido! Todas as desgraças se reúnem contra mim! (Entra em casa.)

Licônidas — Está tudo arranjado. (Entra Estróbilo.)

ESTRÓBLO — Deuses imortais, quanta bondade e quanta alegria! Tenho a panela carregada com quatro libras de ouro. Haverá alguém mais rico, mais favorecido pelos deuses do que eu?

Licônidas — Parece que ouvi alguém falar.

Estróbilo — Meu senhor!

Licôjuidas — Não é Estróbilo, meu escravo?

ESTRÓBILO — (Alçando os ombros.) É ele mesmo.

Licôjuidas — E não é outro não!

Estróbilo — Vamos lá. Por que não dizer tudo? Olhe, eu achei...

Licônidas — Achou o quê?

Estróbilo — Não pense que foi qualquer besteira, não!

Licônidas — As gracinhas de sempre, não é?

Estróblo — Um pouco de paciência. Eu vou dizer. Escute.

Licônidas — Diga logo, homem!

Estróbilo — Encontrei uma botija que faz gosto.

Licônidas — Onde?

Estróbilo — Uma panela cheia de ouro. Quatro libras!

Licôjuidas — Que é que você está dizendo?

Estróbilo — Roubei-a do velho Euclião.

Licônidas — Onde está o ouro?

Estróbilo — Num cofre, lá em casa. Agora quero que me liberte.

Licônidas — Libertar você, seu patife?

ESTRÓBLO — Ah, meu senhor, eu adivinho seus pensamentos! Era brincadeira minha. Quis experimentá-lo. Já estava se preparando para me tomar o ouro, hein? Ra, ra! Que era que você fazia se eu o tivesse encontrado de verdade?

Licôjuidas — Não pense que me engana. Largue já o dinheiro!

Estróbilo — Largar o dinheiro?

Licônidas — Sim, largá-lo já, para eu o entregar a Euclião!

Estróbilo — Mas largar qual dinheiro?

Licônidas — (Apertando-lhe o pescoço.) Aquele que está no cofre de que você falou!

Estróbilo — Mas pelos deuses! Você não sabe que eu tenho mania de dizer umas gracinhas?

Licônidas — Sabe o que o espera?

ESTRÓBILO — (Inocente.) Pode me matar. Não tenho nada...

LICÔJUIDAS — (Apertando-lhe o pescoço.) Então vou apertá-lo até sua alma sair pelo traseiro. Dá ou não dá?

ESTRÓBILO — Dou.

Licôjuidas — (Ainda abalando-o.) E tem de dar já. De outra vez não serve.

ESTRÓBILO — Pois é já. Mas deixe-me tomar fôlego. (LICÔNIDAS solta-o.) Mas me diga uma coisa, patrão, o que é que eu tenho que lhe dar?

Licônidas — Você não sabe, safado? Você não confessou que tinha roubado uma panela cheia de ouro? Guardas!

Estróbilo — Meu senhor, duas palavras!

LICÔNIDAS — Guardas! (Aparece Antraz.)

Antraz — Que é isso?

Licônidas — Chame os guardas, os chicoteadores e preparem uma corda para enforcar esse patife.

Estróbilo — Escute. Depois pode mandar me prender, se quiser.

Licônidas — Está certo, mas vá logo!

ESTRÓBILO — Você pode mandar me torturar até a morte, e não ganha nada. Primeiro, perderá um escravo. Depois, não arranja o que quer. Agora, se você me oferecer a liberdade, darei o que quiser. A natureza criou todos livres, naturalmente todos nós amamos a liberdade. A escravidão torna os homens maus e ladrões. Eles se vingam dos patrões rindo e escarnecendo deles. Conclui-se então que a liberdade faz bons servidores.

LICÔJUIDAS — Você tem razão. Mas não falou pouco, como tinha prometido. Se eu o libertar, você me dará o ouro?

Estróbilo — Dou. Mas quero testemunhas. Desculpe, mas não tenho muita confiança.

Licôjvidas — Até com testemunhas, se quiser.

Estróblo — (Rodopiando.) Megadoro, Eunômia! Venham cá!

Педадоло — (Aparecendo.) Que há?

Eunômia — (Aparecendo.) Pronto, eis-me aqui, Estróbilo, que há? Podem falar.

Licônidas — E depressa, hein?

Педадоло — Mas que há?

Estrobilo — Quero tomá-los por testemunhas! Se eu trouxer aqui uma panela cheia de ouro, pesando quatro libras, e entregá-la a Licônidas, ele me liberta. Promete?

Licônidas — Prometo.

ESTRÓBILO — Ouviram?

MEGADORO — Ouvimos!

Estróbilo — Então jure pelos deuses! Olhe, o nosso tempo é de muita boa fé. Escrevem-se documentos, vêm dez testemunhas, o tabelião toma nota da

data e do lugar. Mas aparece sempre um advogado pronto a desmanchar tudo!

Licôjuidas — Se eu o enganar, que os deuses me castiguem!

ESTRÓBILO — Chega, vou buscar o ouro. (Sai pela direita.)

Licônidas — Que venha a panela, para secar as lágrimas do meu sogro Euclião e dar-lhe a felicidade, a fim de que eu possa obter a moça, que acaba de dar à luz um filho cujo pai sou eu.

Estróbilo — (Voltando.) Aqui está o que prometi.

Licônidas — Deuses imortais! Está cheia de moedas de ouro! Euclião!

Μεσαdoro ε ευνôπια — Euclião! Euclião!

Euclião — (Entrando.) Que há?

Licôjuidas — Desça. Os deuses o protegem. Achamos a panela!

Euclião — É verdade? Não estão brincando?

Licônidas — Nós a temos. Corra!

Euclião — (Vendo a panela.) Ó Grande Júpiter! Ó Deus Lar! Ó Deus dos Tesouros! Enfim tiveram compaixão de um pobre velho. Ó panela querida! (Abraçando-a.) Que alegria apertá-la de novo contra o coração! (Beija-a.) Que delícia beijá-la! Ó minha esperança! Ó minha vida! Agora foi-se a tristeza. (Fica abraçando a panela.)

LICÔNIDAS — Sempre pensei que a falta de dinheiro era uma grande desgraça, mas pelo que vejo é ainda pior ter mais ouro do que o necessário.

Euclião — (Exangue.) Pode casar com minha filha!

Licônidas — Minha casa será também a casa de Euclião.

Estróblo — Falta ainda uma coisa, meu senhor: minha liberdade!

Licônidas — É justo, está livre. Você o mereceu. Vamos agora preparar a festa.

Saem. Entra o Deus Lar.

O Deus Lar — Espectadores, esta comédia foi feita com a preocupação da moral. Os poetas poucas vezes fazem destas comédias, por meio das quais os bons ficam melhores. E se isto lhes agradou, e se nós agradamos também, devem dar um testemunho de que desejam que a virtude seja recompensada: o seu aplauso.

PANO.

